

# Gey Espinheira

## A Grande Corrida do Seca Seca

*Gey Espinheira\**

Para  
Daniela, Luciana,  
João e Lara,  
minhas filhas e  
filho;  
para todos os meninos  
e meninas do mundo,  
com ternura e  
esperança.

*“Não havia nenhum ‘uma, duas, três, já!’, pois todos começavam a correr quando quisessem e paravam também à vontade, de modo que não era nada fácil saber quando a corrida tinha terminado”.*

*Lewis Carroll – Aventura de Alice no país das maravilhas; através do espelho e o que Alice encontrou lá.*

Fundação OndAzul

Presidente: Armando Almeida Júnior

Vice-presidente: Tatiana Martins Wehb

Coordenadora de Projetos: Eliane Rita Oliveira

Coordenadora Administrativa e Financeira: Ana Lúcia Silva de Moraes

Bibliotecária: Neuza Nunes Cruz

Projeto Movimento Sociedade & Ambiente

Coordenador geral: Gey Espinheira

Coordenadores técnicos: Antonio Mateus de Carvalho Soares, Favônia Castelo Branco e Regina Trindade Lopes

Coordenador de Arte-educação: Petinha Barreto

Coordenadora Administrativa: Ana de Moraes

Capa e editoração: Márcia Meneses

Ilustração: Lage e Márcia Meneses

Fotografias: Antonio Mateus, Regina Lopes, Márcia Meneses, Débora Fontes [et al].

ESPINHEIRA, Gey

A Grande corrida do seca seca. Salvador: Fundação OndAzul, 2003

Ilustração.

Teatro. Educação.



# Sumário

Apresentação 6

A Grande Corrida do Seca Seca 10

II Parte: Oficina de Teatro 29

O que fizemos, quem somos e o que queremos 30

Montagem: Cenário/Ação 36

Depoimentos 41

Petinha Barreto 42

Débora Fontes Palmeira 45

Maura Leite Espinheira Avena 48

Jorge Luiz Starteri Honça 51

João Espinheira 53

Isabela Kotller 56

Oficinas, oficinas & oficinas 60

Apêndice 71

Fundação OndAzul

Petrobras

Projeto

Movimento  
Sociedade &  
Ambiente

Salvador-Bahia, 2003

## **Apresentação**

*O projeto Movimento Sociedade & Ambiente é, para todos nós, um grande laboratório existencial. Fazer sociedade no sentido mais próprio, elevar os índices de solidariedade, de simpatia, de compartilhamento, de agir em conjunto e de estar junto-com para produzir resultados coletivamente desejados e realizados em comum, para o bem público.*

*A educação ambiental foi o grande mote para o desenvolvimento desse movimento da Fundação OndAzul a mobilizar centenas de jovens e adultos no sentido de despertá-los e prepará-los para formas mais próprias de estar-no-mundo, de ser-no-mundo e de ver-o-mundo. Forma sociativa, coletiva de fazer junto-com, colaborando e recebendo a colaboração de outros, de modo que a expressão social tenha alcançado seu valor maior.*

*Indivíduos cultivando a individualidade nos rituais sociais de saber-ser coletivo, cooperativo, solidário. Aprendizado em exercício, no sendo, fazendo, como um projeto contínuo de construção do ser e do fazer, o ser como um presente contínuo. Da frase de Victor Hugo: “a animal vive, o homem existe”, epígrafe do projeto, uma definição de que a existência é sempre mais complexa e significativa do a vida, esta entendida no cumprimento de uma programação genética da vida biológica.*

*A dimensão existencial é construtora de sentido e de significado, do drama humano que se esboça como trágico e que procura tornar-se o mais confortável, seguro e feliz. Sem poder ser em si e para si sem o reconhecimento do outro, o ser humano só se constrói como tal na convivência, no reconhecimento. Eis o*

*caminho percorrido e a percorrer sempre, o de estar junto-com para a realização de produtos, da obra que engrandece a existência e que confere direito a tudo que existe, inanimado e animado, coisas e seres de todas as naturezas e de sem-natureza.*

*A escolha da Grande Corrida do Seca Seca para constituir o primeiro projeto do grupo de Vila de Abrantes foi por acaso, mas não um desses acasos aleatórios, fortuitos, porque o texto foi escrito para o projeto, publicado na Revista Movimento Sociedade & Ambiente nº 2, como matéria para discussão nos cursos de educação ambiental. Portanto, ali não estava por acaso, pois havia um propósito. Mas por que falamos em acaso? Porque dentre muitos outros textos, inclusive dentre os escritos da diretora da peça, Petinha Barreto, este foi selecionado, inclusive por ela própria, talvez pela mensagem ética que toma a vontade como o centro da existência, na expressão da vontade de realização, vontade de mudar, vontade de fazer, enfim, dessa grande liberdade que o ser humano tem quando, através da sua vontade, ele delinea um outro mundo possível e se determina a construí-lo.*

*Em estado de Natureza se age instintivamente, mas não somos naturais e, muito menos, da natureza, por isso mesmo a Natureza se torna tão importante para nós, pois se não a defendermos estaremos destruindo – e já o afetamos em demasia – o ambiente em que estamos e que é o nosso meio, o nosso entorno e contorno ampliado no qual vivemos e existimos. Eis que estamos sempre a aprender a existir diante de outras existências que se imbricam com a nossa no reconhecimento de direitos à vida e à existência de tudo mais que está em nosso planeta e no cosmos.*

*Vivemos no tempo e somos feitos de tempo, substância sutilíssima que nos faz em movimento para a nossa – e individual – negação do tempo, quando for o tempo de não mais existirmos senão em nossa decomposição físico-química. A necessidade de dar sentido ao universo nos faz universal, aptos a compartilhar, a ampliarmos-nos em múltiplas transgressões que nos permitem criar, inventar e fazer. Em movimento, portanto, a cumprir o destino fáustico de jamais parar.*

*Os jovens são a força desse movimento, dessa grande corrida para a realização de algo que seja bom para todos, que a todos dê a sensação de realização, respeitando as diferenças, mas sempre em busca de um ideal de justa compensação desses diferenciais. Não somos iguais, mas devemos ter em mente a utopia – ou a metafísica – do gênero humano, uma única espécie e igualdade de possibilidades. Diante das outras espécies e das coisas, o respeito e a ternura por elas, sem a avidez do predador, sem o egoísmo de individualizar o usufruir o universo e, sobretudo, sem torná-lo cativo, mas cativá-lo afetivamente.*

*A Grande corrida do Seca Seca é puro movimento das diferenças e das desigualdades, das contrariedades, da afirmação do diverso, da heterogeneidade. A vida como um infernal emaranhado de*

*coisas, como já nos disse Aldous Huxley, a exigir o grande esforço humano de compreender o ser humano antes mesmo de desvendar os mistérios divinos e realizar-se como homem-deus de si mesmo e de seu destino de humanidade.*

*Foi bom que centenas de jovens realizassem a corrida, uns como atores, outros comungando a beleza do movimento, em movimento da alma solta no encantamento. Foi bom que a montagem da peça tenha recompensado tanto, e a todos, de modo que agora, no formato de livro, contamos aqui a travessura de Petinha Barreto e de sua equipe de arte-educação em transformar o texto em arte viva, e muitas outras artes conjugadas, com a magia das formas e cores de Débora Fontes, e produzir o espetáculo extraordinário.*

*É preciso, portanto, falar do que foi feito, do trabalho metucioso, árduo, mas alegre e gostoso que consumiu horas e dias, momentos absolutamente imprevistos, porque a criação e a imaginação, que andam juntas, nos ocupam sem pedir licença e sem cerimônia nos invadem em qualquer lugar e a qualquer momento. Assim, foi durante quase todo o tempo que o espetáculo foi vivido em cada um, em outros momentos de ritual, em todos a um só tempo. Nunca estivemos sós enquanto tramávamos a peça, e jamais deixaremos de estar juntos depois da experiência realizada. É assim que nos tornamos sociais, válidos, complexos, quando nos valem para outros e quando sabemos que somos reconhecidos por isto.*

*Uma brincadeira, uma reflexão não é uma refeição e muito menos uma reza. Os bichos, os bichogente e gentebicho, plantagente e plantabicho e bichoplanta, essa fusão de seres que se encontram em uma mesma situação na metáfora de molhados. Há algo em comum que os toca: estavam todos molhados. Tinham, portanto, um problema em comum, mas quando já não se sentiram mais ligados por esta mesma situação, quando cada qual se viu livre da situação incômoda, cada um, de acordo com a sua natureza, passou a agir por sua individualidade e não mais pelo sentido coletivo que até então predominara.*

*Essa é a moral da história, se é que uma moral se torna necessária. Mas o importante a ver a possibilidade da ação coletiva, da comunicação, desde que algo se torne mais importante do que as diferenças individuais ou os interesses particularizados.*

*A fonte de inspiração está em dois autores: mais diretamente em Lewis Carroll, mas também em Monteiro Lobato, ambos geniais, que fizeram da literatura infanto-juvenil uma literatura para toda a vida, aquela que tem o poder de parar o tempo. A montagem da peça esteve embebida do espírito da fantasia, do encantamento, por isso deu no que deu, surpreendendo a todos pela beleza e vitalidade do espetáculo.*

*O espetáculo pode agora ter o seu registro, fala-se dele aqui, mas ele não pode ser visto, nem sentido senão em sua forma viva, em ação, portanto. O teatro pode ser lido, mas não o espetáculo teatral que só se realiza como representação em ato. Petinha não nos diz muito, mas dá dicas de como ela montou a peça, por isso apresentamos aqui as duas versões: o texto e a adaptação com a indicação de como a peça foi montada. Foi por isso que o texto volta na forma escrita, desta vez em formato de livro, como o resultado de oficinas, de um projeto coletivo que vale a pena ficar registrado e como uma ferramenta para ajudar os jovens a fazer outras peças, montá-las e desenvolver o gosto pela magia do teatro, da música, da dança, das artes plásticas, enfim, da criação.*

*Agora em grupo – ainda que com ausências – compomos este registro com depoimentos de alguns dos participantes, com fotos e com os materiais que usamos para divulgação da encenação da peça em Vila de Abrantes.*

*Gey Espinheira*

# A Grande Corrida do Seca Seca

*Gey Espinheira\**

Para  
Daniela, Luciana,  
João e Lara,  
minhas filhas e  
filho;  
para todos os meninos  
e meninas do mundo,  
com ternura e  
esperança.

*“Não havia nenhum ‘uma, duas, três, já!’, pois todos começavam a correr quando quisessem e paravam também à vontade, de modo que não era nada fácil saber quando a corrida tinha terminado”.*

*Lewis Carroll – Aventura de Alice no país das maravilhas; através do espelho e o que Alice encontrou lá.*

## **Era uma vez...**

Estavam todos molhados. Era essa a situação de todos. Eles eram tão diferentes que alguns nem sabiam o que os outros eram. Mamíferos, répteis, insetos, pássaros, gente e plantas. Todos falavam a mesma língua, que ninguém sabia de quem era, mas

todos falavam, ouviam e se entendiam. Isto também era comum a todos eles, a capacidade de se comunicar. Era assim, no tempo em que os bichos falavam e que os seres humanos conviviam com os bichos e com as plantas. Ali, também as plantas falavam, só não andavam, porque o não sair do lugar é uma das características das plantas, mas se curvavam, dançavam e faziam muitos outros gestos.

Gato, rato, girafa, morcego, serpente, lagarta, cogumelo, garça, gavião, pato, ganso, raposa, calango, cágado, roseiras, figueiras, espinhos, mas também o porco-espinho e o caititu, macaco e por aí vai que não acabava mais a variedade daquelas criaturas.

Estavam todos, como já dito, molhados e o Martim Pescador inventou uma forma de secá-los e disse:

- Vamos, vamos fazer uma grande roda, ou ao menos uma aglomeração, o que não pode ser é esta dispersão ilógica, irracional, disfuncional que não leva a nenhum resultado e mais, é preciso que falemos uma mesma linguagem e cada qual a seu tempo. E como se costuma dizer: estamos no mesmo barco!

Estavam todos falando ao mesmo tempo e, por isso mesmo ninguém se entendia porque também não sabiam exatamente cada qual com quem falava, porque estavam todos molhados e indignados com a situação.

- Pneumonia! Podemos pegar uma pneumonia! Gritou uma velha gralha em acentuada rouquidão e desespero.
- Gripe, gripe! Gritaram outras vozes em falsete e era um coro de ratos molhadíssimos.
- Uma roda, vamos lá! Todos em forma!

Formou-se uma grande confusão, pois ninguém sabia em que direção seguir, sem falar no fato de uns serem animais alados, outros rasteiros, e aqueles mais que andavam com duas ou quatro pernas.

- Atenção! Atenção! Gritava o Martim Pescador.
- A menina ficou perplexa com a falta de coordenação. Também os meninos pareciam baratinados. Ela então gritou:

- Ordem! Primeiro, que todos se calem. Segundo, que obedçam ao comando do mestre Martim Pescador.

Surtiu efeito. Fizeram silêncio no primeiro momento e, no segundo, o Martim Pescador que havia adorado ser chamado de mestre, no alto do galho encurvado e diante da multidão de bichos, insetos, vento, chuva e sol, mas também de gente, agiu com maestria e disse:

- Todos em volta da mangueira!

Só que não era uma mangueira a grande árvore que ainda respingava água e estava apinhada de bichogente, carregada mesmo, de tal modo que parecia ser ela a mãe da criação de tanta criatura que ali havia.

- Jaqueira! Disse a árvore com um vozeirão que imediatamente impôs respeito.
- Jaqueira, já disse! Todos em volta da JAQUEEEIRA! Gritou o mestre Martim Pescador, pigarreando em seguida.
- Jaqueira! Todos em volta dela e vamos começar a correr! Voltou a ordenar com força e autoridade.
- Para onde? Perguntou um morcego que estava em um oco de pau bem próximo da cabeça da Avestruz que parecia absorta em contemplar o horizonte distante.
- Poiss beemm...! Estrilou Martim Pescador. Vamos fazer uma corrida partindo de um lugar e chegando ao mesmo lugar.
- Absurdo! Gritou uma voz finíssima.
- Absurdo? Não! - protestou Martim Pescador indignado com a interrupção e continuou - Quando chegarmos ao lugar de onde partimos nós próprios já não seremos os mesmos, e o lugar não é o mesmo lugar, se o olharmos com esperteza e astúcia... e com sabedoria, pois antes era o lugar de partida e depois virou o lugar de chegada. O começo e o fim, quando o fim chega ao começo, o começo não tem fim e vice-versa. Mas chega de conversa, precisamos mesmo é de ação, de movimento. Parados não resolvemos nada, nada mesmo! chega de lamúria. Andem, movimentem-se, façam algo de proveitoso!
- Movimento! Cáspite! E o tempo diante do contratempo? Nós somos feitos de tempo: carne e osso, ah! Bem isso, corpo, que pode existir sem osso! Sem os

ossos do ofício. Mas nós somos alma, espírito, corpo que deseja e que sofre e que goza. A gente se alegra, ri, mas também entristece... E tudo isso porque temos memória, porque amamos ou odiamos. Gente tem sentimento: mente, faz promessas, finge; enfim, gente é o diabo e nem sempre como o diabo gosta. Nesta grande azáfama precisamos saber quem nós somos e o que fazemos neste mundo... Falou o Louva-Deus pausadamente em seu filosofar que, aparentemente, era alheio aos acontecimentos, mas que surtiu um grande efeito porque todos ficaram perplexos com aquela declaração aparentemente descabida.

- Se é uma corrida do Seca Seca é porque estamos molhados. Mas estão a falar desse tal barco. Estamos todos no mesmo barco! Que barco? É, por acaso, uma outra Arca de Noé? É o fim do mundo? Indagou o Leão Marinho, que ninguém o conhecia por aquelas bandas e que não fez nenhuma questão de que alguém o esclarecesse.

- Barco? Indaga um dos Morcegos que dormitavam de cabeça para baixo nos galhos da jaqueira, que mais parecia uma assembléia de tão carregada que estava de bicho e gente menino/menina, que é bichogente. - Um verdadeiro disparate. Concluiu peremptório o morcego.

- Estamos todos molhados? Pergunta a Zebra sonolenta.

- Por que deveríamos estar molhadas? Perguntou a Ema arrepiada e com o olhar vesgo para a zebra. Martim Pescador que estava atento a tudo e pescou aquela conversa, esclareceu:

- Porque choveu e estávamos sem proteção! Molhados e molhadíssimos! Sentenciou Martim Pescador com um olhar agudo, impaciente com o alheamento de uns e a insistência de outros em fazer perguntas ociosas.

- Porque veio a água e nós ficamos do mesmo jeito, todos molhados! Iguais debaixo d'água! Explicou a Preguiça a meio caminho de atingir as folhas mais altas do pé de Imbaúba.

- Estamos todos molhados, somos molhados, a água nos iguala, estamos na mesma condição, estamos no mesmo barco! Complementou Martim Pescado um tanto exasperado.

- Estamos no mesmo barco! Que barco é este! (Exclamações generalizadas).

- Uma vez... começou em um tom tão alto e esganiçado que todos se voltaram para ela. Era a Avestruz pescoçuda, sacudindo as asas. – Um dilúvio e aí todos se salvaram em um barco que carregou toda a criação...

- Arca! Arca! Chega. Tudo mundo conhece esta história e não estamos nesse mesmo barco! Protestou com veemência o morcego. – Eu estou onde sempre estive e daqui deste galho sei que não estou em nenhum barco!

- Por que somos iguais? Gritaram quase todos.

- Ou apenas estamos molhados? Outros quase todos responderam perguntando.

- Dilúvio? Ah! Ah! Ah! O sol! O sol seca tudo e a todos. Gritou macaqueando o Macaco Prego, vindo do alto da jaqueira, como se ele estivesse trazendo o próprio sol para todos.

- “A água lava, lava tudo, só não lava a língua dessa gente”. A voz ecoou melodiosa e sumiu no ar. A Raposa sonsa puxou o canto, mas ninguém a acompanhou e ela saiu de fininho.

- Que gente? Que gente? (uma voz esganiçada vinda da multidão).

- A linguaruda! Sentenciou a Lagarta de Fogo na galha do cajueiro.

- Gente! Essa gente mente que nem se sente e fala de todo mundo; vida quente e requentada, fofoca, mentira e tudo mais que vai em seguida. Vida dos outros é boa coisa de se falar e de se saber; história sem fim, sem começo, novela sem enredo, daí a gente ficar feito doida no redemoinho do mundo. Disparou o Saci Pererê em seu redemoinho pessoal, atraindo a atenção de todos e exasperando mais ainda o Martim Pescador que procurava estabelecer um pouco de ordem na confusão reinante.

- Molhado, de molho, ensopado ou apenas com uma gota d’água ou com uma lágrima. Não importa! Tudo é água. Insistiu o Martim Pescador em um momento de impaciente delírio tão comum àqueles que se elegem comandantes de quem quer que seja. Demência contra demência, eis a receita para retornar à razão.

- Estamos molhados. É isso! Estamos molhados. É o que temos em comum. Não somos iguais, mas estamos molhados! E lá vem o Martim Pescador, o Martim... e nos convoca para uma corrida, não uma corrida qualquer, mas a corrida do Seca Seca “em que todo bicho fica seco”. “É gato, é rato, é urubu, mas o passo da girafa abafa até o velho canguru”. Falou a velha Gralha com seu natural desdém em relação a qualquer autoridade, olhando de soslaio para o Martim Pescador encarrapitado no alto de um tronco seco e recurvo, de onde podia contemplar toda a multidão e ser visto e ouvido por ela.

- Todo bicho não tem o seu passo? Gente também não é bicho? E bicho não é gente? Pois bem, aqui todos falam, urram, cacarejam, crocitam, berram, piam, guincham, miam, latem e por aí vai. Mas todos se entendem porque aqui se fala uma linguagem universal da gramática da vida. Explicou, com voz mansa, a grande Jaqueira na qual estavam pendurados morcegos, macacos, papagaios, periquitos e araras, meninos, meninas e uma enorme Surucucu-Malha-de-Sapo. Todos, muito atentos, ouviram as palavras sábias e se deram por contentes em saber quem eles eram e porque estavam ali. Aplausos, gritos, assovios, urros e um imenso farfalhar em meio a zumbidos finíssimos com o contra-baixo de mangangás e a gritaria soluçante de sapos e rãs.

- Aonde vamos? Um coro de vozes de bichogente e gentebicho, de plantabicho e plantagente, genteplanta e bichoplanta.

- Não importa aonde chegar, o que é importante é querer chegar a algum lugar para além de onde estamos e para aonde voltamos. Pois quando se sai e quando se chega se está em um tempo diferente e se o tempo é outro o lugar não é mais o mesmo nem a gente é mais aquela que saiu, é a que acaba de chegar e por aí vai, porque tudo é movimento e mudança até o fim. Explica o Martim Pescador.

- Mas não vamos a lugar nenhum! Protestou a velha Mangueira apinhada de pássaros pretos, azuis, amarelos, verdes, marrons e os de duas, três e sete cores. – Nós árvores não somos gato nem sapato para sair andando por aí, quanto mais em correria desabalada como esta do Seca Seca. Quanta asneira, e asneira molhadíssima, sopíssima de besteirada. Vamos contar histórias ou cantar; dançar, sim, dançar é

melhor do que sair correndo como um bando de abetalhados. Vejam, vejam, as flores estão cantando!

- Espirando, senhora mangueira! Fungando! Estão gripadíssimas. Explicou a Espirradeira, espirrando ela própria vezes seguidas.

- JAQUEIRA! A mangueira é aquela ali e aquela outra acolá, manga rosa, manga espada, perto do jambeiro que, por sua vez...

- Chega de botânica. Espirro, isto sim! Concluiu taxativa a Espirradeira.

- Onde estamos? Perguntou o Tamanduá Bandeira que estava focinhando um velho tronco de árvores meio apodrecido, dando bandeira de sua fome de cupins. – Para aonde vamos ou apenas ficamos? Tanto faz como tanto fez desde que encha a barriga do freguês.

- No começo! no início! no princípio! Na hora da largada, mas até agora ninguém largou e não largam do meu pé! Gritou o Martim Pescador demonstrando alguma impaciência com os questionamentos e ansioso por ver consumada a sua missão.

- Chegaremos aonde? (Um alarido de vozes).

- No fim do começo! (Um grande silêncio pairou após a douta explicação do Martim Pescador que, em postura solene, parecia um maestro a reger uma orquestra sinfônica).

- Que é também um começo do fim sem começo, logo um fim sem fim, como se isso fosse novidade e motivo para tanto questionamento. O importante é começar, pois sem começo nunca se chega ao fim e ninguém aqui quer fim, por isso todo fim é apenas o começo do que não tem fim e, por fim vamos começar. Complementou.

- Sem fim é essa conversa de cabeça para baixo, baralho mal embaralhado e bobagem de gente pelo avesso, sem querer saber da ordem do mundo. Reclamou a Coruja Matreca, que até então não tinha se manifestado, mas agora chamava a atenção do todos com a sua postura professoral.

- Ordem! Ordem! Grita o homem da ordem, o jardineiro. Cada coisa em seu lugar, em seu devido tempo! Ou bem uma coisa ou bem a outra! Completou dando volteios como um pião a perder a força da rotação.

- Por que ordem? Por que cada coisa em seu lugar e tudo no seu tempo certo? Ora, ora, a gente vê cada coisa daqui de cima. Ironizou a Surucucu-Malha-de-Sapo sobre o galho da jaqueira. Jardineiro que bota as flores nos vasos e nos canteiros, que pensa que pode fazer o mundo à sua vontade, na natureza tudo é desigual e tudo se ajuda mutuamente, não tem essa de ordem não, ou mesma faço o que a minha natureza manda e se aqui estou é porque não tenho vontade de estar em outro lugar, o resto é blá-blá-blá e deixa pra lá o que não tem lugar como esse doido que está aí a girar na inconseqüência de sua demência. Sou a favor da desordem desde que não me acordem porque não tenho tempo a perder e estou aqui jiboiano até ter uma nova fome. Jiboiar vem de jibóia, uma outra cobra, ofídio que nem eu, bem que podia dizer surucucando, ou surucutingando, pois surucucu é também surucutinga, o que dá no mesmo, mas não, acho que essa tal da jibóia veio ao mundo primeiro e aí ficou, toda dormência virou jiboiar e assim por diante, pois quem chega primeiro é o dono do terreiro, mas o que eu não estou entendendo é essa doideira aqui na Jaqueira e no chão, tanto bicho que até parece o dia da criação.

- Cáspite! Olhem o Tempo! Tempo, que venha o tempo e dê ordem ao Tempo no tempo certo. Cada coisa tem sua hora, cada hora tem seu tempo, o tempo é cheio de nove horas e de nós pelas costas; cada qual no seu cada qual. Não vamos matar o tempo. Vamos passar o tempo. (Uma pausa) Matar o tempo... A Coruja Matreca quase que despenca do tronco queimado em que estava encarrapitada ao dar tais explicações.

- Não tenho tempo de dar tempo ao tempo, estou molhada, estamos todos molhados, estamos no tempo, ao relento, molhados e molhadas, vamos nos secar, não há tempo a perder. O Tempo não quer ser morto e nem se perder, mas vejam, lá vai o tempo, o tempo corre e quanto mais ele corre mais não somos o que éramos. Peguem o Tempo, peguem o Tempo, não deixem que ele nos ultrapasse e tire a nossa juventude, a nossa beleza. Conclamou a Rosa Vermelha que ficou ruborizada com sua ousadia a ponto de quase se despetalar.

- Tempo! Tempo! Tempo! Gritaram.

- Tempo! Tempo! Tempo! Repetiram

- Tempo! Agora só algumas poucas vozes.
- O tempo não pode parar A vida é joguete do tempo. Declamou teatralmente um espantalho-palhaço com seu sorriso escancarado de palha de milho seca.
- Estamos molhados, palhaço! Palhaço, você pensa que pode tudo e que é tudo porque é palhaço, faça uma palhaçada e chame o Tempo que está apressado e nos deixando para trás. Você, sim, fica parado no tempo e não nos dá tempo para comer, nos apressa e nem gente, nem bicho é! É apenas uma imitação de gente. Protestou uma Galha entre tantas galhas que começaram a galhar num forte alarido de aves nervosas e que pareciam desesperadas.
- Psiu! “A todo mundo dou psiu! Siu, siu!” (Canta e depois, em tom solene) Tempo. Tempo! Tempo! Não quero perder tempo. “O tempo não gosta do que se faz sem ele”, diz um sábio ditado do povo-de-santo da Bahia. Falou um Urubu da turma dos urubus que ali estava em solene composição como uma corte de magistrados pronta a sentenciar.
- Palhaço, não seja palhaço, porque você é uma invenção, um super-homem, um além do homem – e da mulher, não é? – Quem não tem coragem de dizer o que sente e o que quer, bota na boca do palhaço. Espantalho é palhaço para passarinho ver, que come grão e de grão em grão a colheita desaparece no papo. Espantalho é puxa-saco de agricultor, do homem plantador que transforma a plantação em dinheiro, coisa que ele não come, mas que come ele. Sabe porque o Espantalho é palhaço? É porque ele não é ele, ele é todo mundo que mente e não se sente.
- Xô, bichogente de mentira! A Galha falou de novo, com sabedoria e indignação, alheia ao que disse o Urubu.
- Todo mundo é palhaço – diz o espantalho-palhaço. Eu sou vocês todos disfarçados, mas não posso dizer isso mais uma vez senão vocês me enforcam, me crucificam, me esquartejam. O destino dos espantalhos é ficar na solidão. Falou de modo desolado, melancólico, entristecido, lamuriento.
- Chega de tristeza, Espantalho! Faz umas palhaçadas para a gente rir. Gritou o Macaco-Prego fazendo uma careta que mostrava dentes terríveis.

- Rir de que, hiena? Palhaço é um ser que flutua, incoerente e abestalhado, que é a encarnação de todo mundo, que faz o que você não tem coragem de fazer. Palhaço é um espírito do vento que venta em todas as direções; e de fogo que joga suas fagulhas ao vento e que sempre quer mais para continuar sendo fogo. Fogo é gula e pressa, porque sabe que é feito de tempo e em tempo há de se apagar em memória de cinzas. Vã filosofia. O Espantalho é como cruz em sepultura, marca um lugar, vida enganosa, presença sem ser de um ser que não é a não ser em nossa imaginação e em nosso medo, mas por assim ser ele é, existe e aqui está a nos dizer coisas intrigantes que ninguém diria se não fosse essa aparição. Filosofou o Camaleão que parecia estar dormindo, mas pelo visto estava atentíssimo à discussão.

- Chega de tanta filosofia de água, de fogo, de terra e de ar. Do tempo estamos certos, somos a hora de agora, e tudo é sempre agora... E, no mais, o que queremos é nos secar. Vamos, então, à corrida. Por onde começamos? O Martim Pescador assumiu de novo o controle da situação e apontou com o bico o lugar em baixo da Jaqueira.

- Pelo começo! Gritaram.

- Pelo fim! Novos gritos da oposição. Mas oposição a que? A quem? São os do contra qualquer coisa, anarquistas! Pensou Martim Pescador contemplando a desordem da multidão.

- Todo fim tem um começo! Afirmou a Zebra e propôs o seu próprio o enigma: ela era banca com listas pretas, ou preta com listas brancas? Mas ninguém deu importância e a discussão continuou no mesmo tom.

- Todo começo tem um princípio e um fim! Sentenciou o Morcego e continuou filosofando. - E sendo um fim, teve um começo que findou depois de começar e virou um sendo, um ficando, um fazendo... E assim foi falando e apesar da confusão foi dormindo e se calando.

- E no meio do começo, para que lado fica o fim? Perguntou a Seriema que parecia uma bailarina ensaiando passos de frevo, toda serelepe.

- Chiiii! Espanto generalizado. Xibiu! Xibiu! E veio a vaia que ninguém sabia a quem era dirigida, pois a própria Seriema gritava com sua voz finíssima: Xibiu!

Xibiu! Martim Pescador se olhou por inteiro desconfiado de ser ele o motivo da vaia, mas não era, foi só um contágio e como todo contágio é contagiante a multidão entrou na galhofa, pois basta um começo para tudo vir a ser o que antes não era.

- Este começo começa por não ter um bom fim, desconfio da desrazão! Declarou o solene Urubu.

- “Urubu entrou no samba com fama de dançador, tirou dama para dançar e não dançou... ora dança urubu, eu não senhor ...” O Macaco Prego, galhofeiro, puxou a música e logo foi acompanhado por um grande coro, o que deixou o urubu encabuladíssimo.

- Correr, correr, correr, correr até o fim, pois quem roda, roda e gira como pião, carrapeta, mais parece o capeta com pó-de-mico no corpo. Nunca vi tanta confusão, tanta gente sem direção, doideira, maluquice, esquisitice: gentebicho, bichogente, bichárvore, arvoregente, bichoplanta, plantabicho, plantagente, plantabichogente, já não sei o que falo, nem o que digo, pois é tanta invencionice neste mundo de tanta coisa diferente acontecendo ao mesmo tempo em que já nem sei mais o que está acontecendo nessa desordem toda. Daqui do alto vejo a bicharada daqui e de todo lugar, gente que nem se entende falando ao mesmo tempo como se estivesse numa festa maluca, pois é gato, é rato, é cobra, é sapo, é menino, é menina, é flor e espinho, é vento, é chuva, é lagoa, é rio e mar, borboleta e aranha, camaleão e sapo cururu, surucucu-malha-de-sapo, mico, beija-flor, leão marinho, tigre e zebra, avestruz e urubu, pé de manga e de jaca, roseira e espirradeira, planta, mato, inseto e vento, espantalho até! Tudo em desalinho! Parece que começou o juízo final. Martim Pescador! Martim Pescador! Você endoideceu? Que eu tenho ciência de que vai acontecer? Juntou esse povo todo em um mesmo lugar! Loucura, inconveniência para não dizer indecência, falta de pudor, pois aqui tem tanta diferença que nenhuma indiferença vai acontecer e quando volta a consciência mais vai ter que ter paciência diante de toda violência que vai acometer. Tenho dito, porque antes de hoje nunca vi o que vejo e sei que não verei mais o que hoje aqui está acontecendo neste tempo de molhação e nesta corrida do seca seca que se inicia sem começo ou que já começou e nem sabemos se estamos nela ou não. Protestou e sentenciou a velha Jaqueira

sacudindo-se toda como se atacada por uma ventania de tal modo que foi bicho e gente menino e menina para tudo quanto é lado e chão, e junto com eles e elas umas jacas maduras boas de comer que preguiçosamente ainda estavam nos galhos. Só não caiu ou voou a Surucucu-Malha-de-Sapo, que ficou perplexa com a revolta da Jaqueira, até então tão parcimoniosa, a lhe tirar o sossego de espectadora privilegiada da multidão no chão e nos galhos a discutir o que fazer.

- Vamos aproveitar o momento e começar a corrida! Corram, corram, voem correndo e corram voando, não parem, não sejam perdedores. Vento, vento, ventania, que venha o vento a ventar, também a correr e balançar toda a plantação, levantar a folhagem. Depressa! Depressa! Quem ficar parado é mulher do padre, amigo da onça, boi-de-piranha e mico-de-circo! Gritava desesperado o Martim Pescador e a confusão era tal que parecia que o mundo ia se acabar. Um tropel de bichos de patas, um farfalhar de bichos de asas, um fremir de arbustos e um desgalar de árvores, um zumbir de asas... Sussurros, suspiros, guinchos, assovios, gritos, silvos, urros, zumbidos e tudo isso junto era um vozerio ensurdecador e só parou quando o Martim Pescador pediu ao Gavião que, do alto, desse o grito de “chegada”. Mesmo assim a confusão ainda persistiu e só parou quando o coro de Maritacas, imitando o grito do Gavião, reforçou a ordem do Martim Pescador. Foi então que adveio o grande silêncio e a grande perplexidade.

- Já chega! Já Chega! Tudo o que é demais passa da conta! Gritou, rouco, o mestre Martim Pescador. A meninada parecia mais ofegante que os outros bichos e uma coisa fazia realmente diferença, os meninos e meninas riam, cada qual um riso próprio, enquanto os bichos se expressavam, contentes e, certamente com os seus risos, mas outros tantos ficaram sérios, talvez porque fossem adultos e circunspetos. Uns poucos reclamavam, ofegantes; outros, ao contrário, estavam eufóricos.

- Que corrida mais besta! Disse a velha Gralha. Estou acabada!

- Mas fora de perigo de pegar uma pneumonia, não é mesmo? Observou a Garça que parecia estar descansando da correria, pois estava apoiada em uma perna só, a outra dobrada para uso mais tarde.

- Bem, é verdade, pelo menos estou seca. Concordou a Galinha se recompondo do arrepiamento.

- Estamos secos, secos, secos, secas, secas e secas... Gritavam atordoados e libertos todos os inquietos e logo, em conjunto e em uníssono, soltaram vários vivas e por último, em agradecimento, um grande viva para o Martim Pescador.

Começaram a gritar e de repente, em todos os tons as palavras seco, seca e Seca Seca eram pronunciadas, inclusive pelo vozeirão da Jaqueira, do Jacarandá, das Mangueiras Rosa e Espada e de todas as demais plantas. Só as Roseiras estavam úmidas e pareciam gostar disso.

- Sentem-se! sentem-se! Empoleirem-se, ou fiquem do jeito que quiserem, e conforme a natureza de cada qual, contando que todos estejam confortáveis e cada qual ao seu modo, atento. E assim se deu, porque gostaram do que tinham feito e, por isso, estavam dispostos a colaborar com o mestre Martim Pescador.

- Obrigado, obrigado. Agora vamos fazer uma reflexão!
- Ora, há pouco disse que ficássemos confortáveis e agora vem com essa de pedir para fazer essa tal de reflexão que eu não sei o que é. Reclamou a garça que não estava disposta a nenhum outro esforço.
- Psiu! Advertiu um dos meninos.
- Não quero fazer nada agora, há pouco estava toda molhada, corri feito doida e agora quero descansar. Argumentou ela espichando a outra perna magricela.
- Vamos fazer uma reflexão!
- Somente uma ou mais? E quantas? É preciso saber o que se vai fazer e a quantidade para avaliar se vale a pena ou não. Protestaram, em coro, os ratos arrepiados.
- Que burros! Disse o menino magricela.
- Não aceito insulto, nem discriminação de bicho nenhum, quanto mais de gente de duas pernas, gente desequilibrada. Protestou o Burro com a cara emburradíssima de quem não quer conversa à-toa.

A Garça, o Jaburu e outros aparentados se olharam surpresos e depois para o burro que protestou contra o menino magricela. Era a solidariedade dos que tinham duas pernas e dos que sabiam se equilibrar em apenas uma delas.

O mestre Martim Pescador interveio de imediato, pois se se dessem conta das diferenças e fizessem delas motivo de elogio ou de depreciação a situação não ficaria nada boa.

- Discussão como essa não leva a nada, só impede a reflexão. Sabem porque começa a confusão? Porque vocês não estão mais fazendo as coisas em comum. Quando todos estavam molhados, estavam do mesmo jeito. Estavam, como se diz por aí, no mesmo barco. Contemporizou a Coruja Matreca falando diretamente para o Bacurau Amaguá.
- Barco de novo? Gritou um gato.
- Barco é metáfora... – e ia acrescentar “seu burro” quando se lembrou da reprimenda do dito cujo, que dessa vez poderia ser no modo de um coice –, o menino magricela.
- Não preciso de ajuda! Repreendeu com veemência o mestre Martim Pescador, tão logo a menina de cabelo de milho o incentivou a dar andamento à reflexão.
- É como uma reza. Disse a douta Tartaruga d’Água que se recusou a participar da correria, e por duas razões: primeira, as tartarugas não gostam de correr; e quando o fazem ganham todas as corridas desde os tempos mais remotos; segunda, a água não a incomodava, ao contrário, era o seu elemento preferido. E uma terceira razão poderia ser levantada, pois a douta tartaruga se auto justificou: se o lugar de partida era o mesmo de chegada, o melhor era não se abalar e assim, sem partir, chegava, mais uma vez, em primeiro lugar. Sorriu. Venceu mais uma vez.
- Psiu! Psiu! Manifestaram-se as Roseiras, enquanto a Jaqueira fez um sonoro muxoxo.
- Rápido, rápido! Não temos o dia todo! O tempo urge! Gritaram os ratos que já não estavam tão arrepiados assim e haviam observado que gatos e cobras se posicionavam estrategicamente.
- Uma reflexão...

- Slep. Slep. Gung, nham! Nhão! Quem estava por perto viu que o camaleão, completamente alheio à reflexão, fazia – e fazia bem – a sua refeição. Engoliu um mosquito e depois uma borboleta que, incautos, estavam bem ao alcance da língua elástica e pegajosa.
- Que horror! Que mau gosto! Que falta de solidariedade! Exclamou em alta voz o conspícuo Louva-Deus, com sua carinha miúda e seu corpo de dançarino de tango argentino em noite de gala.
- Oh! Um coro de ós e ôs aflorou. Até a Lagarta Mandarová, que hora nenhuma deixou de encher a pança comento as folhas do arbusto, exclamou o seu ó lagartal.
- Pelo que vejo, mais cedo do que podia imaginar, a velha ordem toma o seu lugar. Todos contra todos; todos contra um, um contra todos! Absurdo! Isto é desumano! Gritou o Menino Magricela.
- Desanimal! Desbicho! Gritaram os bichos e os insetos e um em coro de grilos e cigarras com o contrabaixo de sapos cururus e rãs, na sinfonia dos brejos.
- Desculpem-me, estava um tanto adormecido e então minha língua se soltou e... Justificou-se o Camaleão sonolento... E o inevitável aconteceu. Eu nasci assim, sempre fui assim, vou ser sempre assim... camaleãoão...
- Parem! Reflexão não é refeição. Advertiu Martim Pescador com visível irritação, presentindo o pior. Não é fácil fazer uma reflexão! Refletiu.
- Barriga vazia, cabeça vazia! Um coro de vozes vegetais.
- Quem disse tal asneira? Perguntou a Avestruz que, estando lá do alto de seu pescoço, comia as frutinhas de uma árvore magricela, que não protestava com medo de que aquele bicho aumentasse a sua voracidade e devorasse as que ainda estavam verdes.
- Quando todos estavam do mesmo jeito – retomou com o tom de oratória o mestre Martim Pescador –, molhados, precisando nos secar, éramos, então, todos por todos. Eis a reflexão: quando temos um objetivo comum, comungamos uma mesma questão e, portanto, colaboramos uns com os outros; mas quando perdemos o mesmo objetivo, então é um Deus nos acuda. Mas

precisamos saber que estamos no mesmo ambiente e que o ambiente é o nosso lugar e, assim, devemos protegê-lo.

- Eu disse que era uma reza, uma lengalenga. Comentou a douta Tartaruga D'Água.
- Nenhem! Ironizou o Louva-Deus.
- Slept! Nhumhum!

O indignado e irônico Louva-Deus desapareceu enrolado na língua do camaleão. E foi o bastante. Um silêncio repentino e logo olhares desconfiados em todas as direções. O Camaleão parecia sorrir matreiro.

Todos se olharam e se viram ridículos, perigosamente ridículos naquela reunião e foi uma correria destrambelhada. Os ratos se dispersaram escondendo o mais possível sob o mato, entre as pedras, mas nem todos se deram bem. Uns ficaram nos dentes dos gatos e outros foram engolidos por serpentes que ali estavam à espera da reflexão.

- Agora teremos paz. Disse a jaqueira diante daquele horror de gente e bicho fugindo em todas as direções. De repente ali era a selva e cada qual procurou o seu lugar, pois a corrida havia despertado o apetite e, como se sabe, quando a fome aperta quem for comida para o outro que dê seu jeito, pois senão é devorado na hora.

Mas a paz da jaqueira não durou muito, porque meninos e meninas invadiram a árvore em busca de jaca madura e logo testando com o nó dos dedos a ressonância da madureza do fruto tiram duas gordas jacas duras e ali mesmo, na sombra da árvore, comeram os bagos maravilhosos.

Os micos também quiseram participar do banquete e levaram seu quinhão. Afinal, nem meninos e meninas comem micos, nem eles comem gente, mas eles comem jaca e não precisaram brigar por ela. E como a Surucucu-Malha-de-Sapo não entrou na correria, não estava faminta, mas ansiosa para que a confusão acabasse porque queria cochilar, surucucar, como ela mesmo disse antes, por isso não ameaçou ninguém, embora fosse um perigo para micos e gentes, porque era venenosíssima.

## **Epílogo**

### **Jogral de bicho, planta e gente: um discurso declamatório**

Cobra come rato, lagarto e seriema comem cobras. Gente come lagarto, seriema e cobra, e come tanto bicho e coisas mais. Gato come rato e rato come tudo o que acha pela frente, mas gente é pior que rato, porque come o rato quando a fome aperta, e o rato o que menos acha é queijo que é feito pelo homem. O homem além de ser um come tudo, é um faz-tudo e um vende tudo, por isso caça animal, mata, prende e vende e de tudo tira proveito porque transforma tudo em dinheiro e dinheiro é uma coisa que faz tudo e é razão de tudo, de coisas boas e coisas ruins. É um come-come sem fim.

Mas se a gente for falar nessa cadeia alimentar não pára mais nunca e até fica espantada de ver que têm bichos e gentes que sobrevivem. Comer, alimentar, matar e por aí vai, vai mesmo! Como disse Vinícius de Moraes, vivemos da degola dos animais e da asfixia dos peixes, e sabem por que? Porque é Natureza e se é da natureza é natural!

Mas vejam bem, na Natureza é assim, cada qual por si, mas cada um precisa dos outros, formando uma grande teia. Mas, por falar em teia, a Aranha que não arranha o jarro, mas devora quem em sua teia se emaranha. Que criatura mais estranha! E dizem que a Aranha vive do que tece, mas na verdade ela vive do que apanha e tudo mais é pura manha.

Os seres humanos não têm natureza, a Natureza está lá e cá, os seres humanos estão dentro e fora da Natureza ao mesmo tempo. A Natureza é um dos ambientes, porque dentro dela o ambiente construído pelos seres humanos torna-se cultural e é cultural a natureza humana. O feito e o desfeito. O bem feito e o mal feito e o defeito, que exige conserto, tudo agora é obra desse ser todo poderoso que é o humano.

Solidariedade, afeto e paz são os componentes do ambiente emocional da alma e a alma é o ambiente humano que permite a criação, a imaginação a idealização de uma forma de ser boa e bonita, segura e confortável, excitante e criativa. Eis, então, a nossa grande corrida: vamos soltar a alma por aí, livre, a criar um “outro mundo

possível”, muito melhor que este de agora, e do que já foi, sem lamúria, fazendo com as nossas mãos, sob o nosso olhar e guiados pela nossa alma. Assim, a alma, o olho e a mão fazem o que há de melhor, como trabalho de artesão. Que assim seja, pois, senão, a vaca vai pro brejo.

Com um salto, o Espantalho palhaço sentencia:

- A última palavra é minha:

*Posso ser o que sempre quis  
Eu me quero em movimento  
Sem ser nunca uma coisa só.  
Mas como não sou coisa  
Me fiz também palhaço,  
Sou mais que um,  
Sou um dois,  
Sou um Nós!  
Para saber o que faço e o que desfaço  
Depende de mim?  
Não, de Nós!  
Da lagarta, do morcego  
Do que está no porão  
No céu  
Ou plantado no chão  
Do mundo que gira como carrapeta  
Da aranha que vive do vivente que se emaranha  
De você que vive do que faz e do que desfaz  
Embaralhado e confuso  
Um dia depois do outro  
O tempo de antanho  
Que agora é estranho  
Vidro, mel, cobre e ferro  
Substâncias sem instância  
Como estrelas do céu  
João-de-barro e sucuri  
São da natureza como a surucucu  
Mas de tanta infusão*

*A conseqüência é a confissão  
De que gato é gato, rato é rato e urubu é o que é  
Mas tudo é pó  
E do pó se faz o pão  
Somo todos  
Pão da mesma farinha  
De tanta correria, volto ao meu mister  
Seu Martim Pescador  
Filósofo da natureza  
Cuidou da azáfama do Seca Seca  
A Coruja Matreca  
E o Bacurau Amaguá  
São testemunhas  
E da correria fica a lição  
Que devemos correr duas vezes  
Mais depressa  
Para sair dessa situação  
Pois todo bicho tem seu passo  
É gato é rato é urubu  
E tudo é rima pra chuchu  
E mais vasto  
É o meu coração  
Espantalho  
Palhaço  
Pois sou o que não é  
e o que é sou eu  
Sendo o que sou espanto!  
Enfim uma reflexão  
No meio de toda confusão  
Que é essa tal de criação,  
De natureza  
E logo eu que não nasci  
Fui criado pela imaginação  
Sou tão real e natural  
Igual a tudo que sempre existiu  
Sou ser cultural, invenção da inteligência  
E vivo para espantar,*

*Não maltrato e muito menos  
Mato  
Sou uma aparição  
Por isso vivo no tempo  
Em meio à plantação  
Xô-xô passarinho.  
Corre, corre  
Porque em tempo de gafanhoto  
Espantalho não tem serventia  
Não me basto sozinho, por isso sou também  
Palhaço, esta é a minha explicação.  
Xô! xô! É hora de correr e de se secar  
Todos juntos, do fim para o começo  
Rodando, como o mundo, girando,  
Como este Movimento Sociedade & Ambiente  
Formando o cidadão espantalho da violência e da destruição.*

*\*Gey Espinheira é sociólogo, ensaísta e ficcionista.*

## II Parte

# Oficina de Teatro

*A grande corrida do Seca Seca*

*Texto: Gey Espinheira*

***Adaptação e direção:***

***Petinha Barreto***

O que fizemos,  
Quem somos  
e  
o que queremos:

**Equipe Técnica:**

**Produção: 10 Alunos do Projeto MSA.**

**Coreografia: Coordenação de Izabela Kotler**

**Cenografia: Coordenação de Débora Fontes + 10 Alunos do Projeto MSA**

**Figurino: Coordenação de Débora Fontes + 10 Alunos do Projeto MSA**

**Sonoplastia: Coordenação de Maura Espinheira, João Espinheira e Jorge Honça.**

**Maquiagem: Marco Aurélio, Flávia, Poloca Barreto + 6 Alunos Do Projeto MSA**

**Preparação da Montagem: Reinaldo Souza**

**Apoio Geral: Ana Moraes**

**Documentação em Vídeo: Izabele Kotler**

Apoio:

Favônia Reis, Mateus de Carvalho Soares, Regina Trindade Lopes (coordenadores técnicos do MSA) e Professores das Escolas Centro Educacional Marques de Abrantes, Darcy Mamede de Queiroz e Maclina, da Vila de Abrantes, Camaçari-Bahia.

### **Personagens:**

30 Atores bichogente

10 Atores/bonecos

1 Martim Pescador

1 Palhaço Espantalho

30 Dançarinos

20 Músicos

20 Cantores

1 Sol

1 Jaqueira

**\*Componentes:**

*Adriano Almeida Ribeiro*  
*Bianca Pereira Souza*  
*Cristiano O. Santos*  
*Daniela Gomes De Assis*  
*Danielli Alegrim Da Silva*  
*Denielson Dos Santos Alves*  
*Darlan O Silva*  
*Edi Carlos Dos Santos Mascarenhas*  
*Ediana Ferreira Vitorino*  
*Evelin Bárbara Rodrigues*  
*Edlane Gomes Da Silva*  
*Elaine Da Luz Santos*  
*Elenilson De S. Conceição*  
*Franque Railam Batista Dos Santos*  
*Jackson Maciel Almeida*  
*Jaqueline Do N. Ferreira*  
*Joelder Almeida Santos*  
*Joelson Damasceno De Jesus*  
*Jorlansouza De Assis*  
*Lais Neri De Souza*  
*Luzimai Da Silva Lima*  
*Marcos Cerqueira Brito*  
*Maria Renata De J. Santos*  
*Maria Rosângela*  
*Nadyana Ferreira Santos*  
*Sebastião Gonçalves Da Paixão*  
*Silvio De Santana*  
*Silvio De Santana*  
*Silvonilde Mota De Oliveira*  
*Tiago Lopes Dos Santos*  
*José Cleverton Lima De Melo*  
*Manoel Barbosa Da Silva*  
*Tiago Pereira De Lima*  
*Marcos Brito Do Nascimento*  
*José Marcos Santos*  
*José Luiz Azevedo De Melo*  
*Ezequiel Santos Viana*  
*Josevaldo Felipe Dos Santos*  
*Gicelma Ferreira Lopes*  
*Cátia Dos Santos*  
*José Marcos Dos Santos Freitas*  
*Vanrlei Franco Costa Leão*

*Kátia Regina Dias De Jesus*  
*Kátia Dos Santos De Jesus*  
*Débora Dos Santos Oliveira*  
*João Jorlando Xavier Andrade*  
*Domingos Dos Reis Santos Júnior*  
*Priscila De Jesus Dos Santos*  
*Jailton Clicério Dos Santos*  
*João Paulo Fagundes Santos*  
*Adelson Leonardo Da S. Lima*  
*Adrielle Da Silva Sebastião*  
*Alan Lenon Dourado*  
*Alexandre Roberto Tavares*  
*Alexandre Mendes*  
*Aline De Jesus Santos*  
*Álisson Oliveira Braz*  
*Anderson Câmara Batista*  
*Anderson Da Silva*  
*Andréa Porto De Freitas*  
*Antônio Carlos De Oliveira*  
*Antônio Do Vale Santana Júnior*  
*Athos De Assis Pinheiro*  
*Auremita S. Santos*  
*Carilande Celeste S. Da Paixão*  
*Carla Daiane Silva Dos Santos*  
*Cláudia Costa Dos A. Jesus*  
*Carolina De Jesus Lima*  
*Cleovane Sanlene F. Da Silva*  
*Daiane Paula Da Hora*  
*Deise De Deus Barros*  
*Diego De Oliveira Testi*  
*Dilma Araújo Da Silva*  
*Edicléia J. Da Silva*  
*Edielliton Silva De Oliveira*  
*Edneide Pereira Santos*  
*Elder De Jesus Moreira*  
*Eliotério Franco Nazaré*  
*Elizabete Conceição ° De Amaral*  
*Elsimar Dos Santos*  
*Érica Rodrigues De Jesus*  
*Éster Santos Machado*  
*Fabiana Aquino De Almeida*  
*Faraydd Dos Santos*  
*Geisiane Lima Rocha Dos Santos*  
*Gleide Jane Pereira Santos*  
*Graciele Santos Araújo*  
*Custavo Amorim Araújo*  
*Iargo Brito O. Silva*  
*Iasmim D. Santos*  
*Indiara Cristine S. Vinhas Juriti*  
*Jamile Umburana Conceição*  
*Jampijere Nascimento Rios*  
*Jessica De O Machado*

*Jéssica J. Dos Santos*  
*João Paulo Franco Do Rosário*  
*Jociara Conceição Dos Santos*  
*Joilma B. De Sousa*  
*José Ribeiro Brito*  
*José Uires*  
*Josias P. Dos Santos*  
*Jubson Conceição Da Silva*  
*Juliana De Oliveira Pereira*  
*Júnior Francisco Cerqueira*  
*Júzia Pereira Oliveira*  
*Leocenildes Dos Santos Ferreira*  
*Letícia Da S. Lima*  
*Luciana G. De Oliveira*  
*Luciene Vieira Sanos*  
*Luis Carlos Conceição*  
*Luzineide Da Conceição Das Vrgens*  
*Maiane M. De Sousa*  
*Marcos De Oliveira Santana*  
*Maria Glauciane De Oliveira Santos*  
*Maria Regina R. Da Silva Sales*  
*Mauricio Dos P. Dos Santos*  
*Miguel Santos Passos*  
*Milena S. Almeida*  
*Missilene Batista Oliveira*  
*Moisés Souza Nazaré*  
*Moriah Nunes Do Rosário Santos*  
*Nayara Da Silva Santos*  
*Natália Rigonato*  
*Nivaldo De Jesus Paiva*  
*Odileyde Assis Santos*  
*Patícia Cerqueira Dos Santos*  
*Patrícia Mendes Da Conceição*  
*Patrícia Santos De Paula*  
*Patrícia Tenório Lima*  
*Priscila Silva Sebastião*  
*Quelvin Franco Reis*  
*Rafaela Queiroz Do Rosário*  
*Renata De Jesus Silva*  
*Renata Francisca Cerqueira*  
*Rogério Oliveira Dos Santos*  
*Rosana Dos S. Franco*  
*Rosangêla Paixão Santos*  
*Rúbia De J. Amorim*  
*Samuel Bispo De Souza*  
*Sara Do Nascimento Dos Santos*  
*Sheilasilva Santos*  
*Siméia De Assis Fiqueredo*  
*Simone Dias De Souza*  
*Tâmara M. Félix*  
*Tamires Lima Meira*  
*Vaneila Da Conceição Nazaré*

*Washington De Oliveira Santos*

*Washington Santos N. Feitosa*

**\* (Todos estudantes das escolas de Vila de Abrantes integrantes do Projeto Movimento Sociedade & Ambiente, 2003).**

## Cenário/Ação

Em um grande espaço da escola Darcy Mamede de Queiroz, em dois planos. No centro, mas ao fundo, um palco elevado e nele, os dançarinos; na parte baixa os bichos, bichogente e plantas; visto da platéia, à direita, uma estrutura para teatro de fantoches bonecos e fantoches, nas mais variadas formas se representam em suas falas e gestos, expressando a diversidade de personagens que interagem com as suas falas curtas e suas exclamações. À esquerda, o coral e os músicos. Ao todo são 120 atores em cena, conjugando canto, dança, música e representação teatral.

O Cenário foi feito com "kami" pintado, um grande painel bem colorido, sugerindo uma corrida de animais, gentebicho e bichogente na mata. Os atores compuseram os demais elementos do cenário que foi caracterizado por bichos, árvores, gente e um personagem Sol.

Na parte superior do palco, ao fundo, ficam os dançarinos. Na parte da frente, em forma de um semicírculo, os atores. Na parte superior da direita do palco uma estrutura para teatro de fantoche encenado por atores/bonecos que costumam o espetáculo com falas explicativas, narrativas, animações etc. Na parte superior da esquerda (fundos) estão os músicos, e na parte superior da esquerda (frente), os cantores.

O espetáculo tem uma única cena e um epílogo.

**1ª Coreografia: simulação de banho de chuva** - ao centro do palco, dançarinos dançam na chuva (simulada pelos sons de percussão), em seguida se deslocam para o fundo do palco, dando espaço aos atores, tendo dez deles guardas-chuva invertidos e cheios de papéis coloridos picados.

**2ª Coreografia: a dança com os guarda-chuvas** - os atores, sintonizados com os músicos e cantores, estão dançando e girando

seus guarda-chuvas espalhando no ar os papéis coloridos picados, simulando uma fantástica chuva.

Durante a coreografia, fantoches entram em cena, chamando a atenção do público para a maravilha da chuva, dos bichos gente e plantas integrados e molhados.

Esquema geral da adaptação:

Os bonecos e fantoches narram, contextualizam as situações e os personagens. Os personagens foram distribuídos por diversos atores, alguns dos quais fazendo mais de um personagem, de modo que a técnica utilizada foi de distribuir as falas numerando os atores, como se segue:

**Boneco 1** - Que maravilha! Venham ver, venham ver! Corram!

**Boneco 2** - Fantástico! Mas... estão todos molhados!?

**Boneco 3** - É um grande espetáculo! Mas como vão fazer para se secarem?

**Boneco 4** - Todos misturados, mamíferos, insetos, répteis, pássaros, gente, plantas...

**Boneco 5** - Olha como eles se comunicam!

**Boneco 6** - É verdade! Mas eles estão muito molhados, podem pegar uma pneumonia!

(Os bonecos saem de cena)

**Todos** - Pneumonia? Pneumonia!

**Cantores/Músicos** - (Improvisação musical) P-NEU-MO-NI A!

P-NEU-MO-NI A! P-NEU-MO-NI A!

(O elenco faz um tremendo alvoroço)

**Martim Pescador** - Eu sei que todos estão indignados por causa das roupas molhadas, mas tive uma idéia, uma idéia!

**Todos** - Então, fala logo.

**Martim Pescador** - Vamos, vamos fazer uma grande roda.

**Cantores /Músicos** - Atchim! Atchim! (Os cantores espirram)

**Atores** - (Em falsete gritam): Gripe! Gripe! Gripe!

(Os dançarinos entram em cena, formando uma grande confusão, pois ninguém sabia em que direção seguir, sem falar no fato de uns serem animais alados, outros rasteiros, e ainda aqueles que andavam com duas ou quatro pernas).

**Martim Pescador** - Atenção, atenção!

**Ator 1** - (perplexo com a falta de coordenação, gritou): Ordem! Primeiro, que todos se calem. Segundo, que obedecem ao comando do mestre Martim Pescador.

(Todos silenciaram)

**Ator 2** - (Cochicha para o público) Olha a cara do Martim Pescador, todo orgulhoso porque foi chamado de mestre.

**Martim Pescador** - Todos em volta da mangueira! (Diz todo compenetrado apontando para a jaqueira.)

**Ator 3** - “Pera lá”, mestre, eu sou uma Jaqueira! (Disse a árvore com um vozeirão que imediatamente impôs respeito).

**Martim Pescador** - Jaqueira, já disse. (Gritou o mestre Martim Pescador, pigarreando). Vamos lá, todos correndo em volta dela.

**Ator 4** - Correr para onde? Para quê?

**Martim Pescador** - Poiss beemm...! Vamos fazer uma corrida, partindo de um lugar e chegando ao mesmo lugar. Correndo a gente vai secar rapidinho.

**Todos** - Que absurdo!

**Martim Pescador** - Não, não é absurdo. Quando chegarmos ao lugar de onde partimos, nós próprios já não seremos os mesmos, e o lugar não é o mesmo lugar, se o olharmos com esperteza e astúcia, pois antes era o lugar de partida e depois virou o lugar de chegada. O começo e o fim, quando o fim chega ao começo. Entenderam?

(Todos fazem mímicas dizendo que não entenderam)...

A peça transcorre em grande animação. Os atores bem caracterizados como animais, gente e plantas, também o Sol e o Espantalho Palhaço. A integração dos palcos é total, longe de aparecerem como cenas ou representações isoladas, configura um todo do qual nada pode ser dissociado. A interação com o público se dá pelas falas, gestos e expressões dos atores que, de certo modo, incluiu o público no palco.

A música, o coral, a dança e os fantoches narram o enredo da peça e a estruturam, enquanto os atores representam a centralidade do conteúdo e sintetizam os acontecimentos múltiplos, expressões as mais diversas da multidão de personagens.

A Grande Corrida do Seca Seca é corrida por todos, momento apoteótico e de grande movimento corporal/gestual, sonoro e de iluminação. Por fim, terminada a grande movimentação, vem a reflexão, e em seguida um “deus-nos-acuda” e logo o epílogo que objetiva a mensagem, ou a *moral* da fábula. A peça se concluiu com uma grande confraternização de todos os participantes.

**Agora, a diretora e adaptadora do  
texto e seus auxiliares na  
montagem da peça falam do que  
fizeram e de seus sentimentos:**

## **Fala 1: *Petinha Barreto***

### ***“O processo de Montagem do espetáculo***

#### ***“A grande Corrida do Seca Seca”***

*A Corrida do Seca Seca foi mais do que uma largada na vida das pessoas envolvidas no Movimento Sociedade & Ambiente. Em Abrantes, foi uma largada fantástica, com tempo marcado para chegar a um lugar aonde seria realizado um sonho construído por todas essas pessoas - educadores, alunos, coordenadores. Tinha um ponto de partida, que era o mesmo de chegada, que se modificava porque nada fica como antes. Assim foi. Chegamos em Abrantes, viajamos na sua realidade, tomamos uma verdadeira “chuva de idéias” e, quando todos estávamos molhados por uma incrível criatividade, construímos possibilidades e realizamos um desejo: o de mostrar exatamente essas possibilidades. E não é que descobrimos muitas possibilidades? A primeira delas foi muito legal: descobrimos que temos uma imaginação que vai muito longe e como “longe é um lugar que não se alcança”, a nossa imaginação é infinita. A segunda é melhor ainda: pensar juntos é muito mais rico e, por isso, as idéias são mais brilhantes. A terceira não podia ser diferente: juntar os sonhos e as idéias de todos faria o Projeto Movimento Sociedade & Ambiente brilhar mais. Aí, pensamos juntos: o que fazer para mostrar o resultado desse tempo que estamos juntos? Foi um corre-corre. Idéias e mais idéias. E aí, todos molhados nessa chuva de idéias, queríamos chegar a algum lugar. Não*

*importa aonde chegar, o que é importante é querer chegar a algum lugar para além de onde estamos e para aonde voltamos.*

*Câmaras, Luzes e Ação! Era isso que queríamos: um palco e uma platéia enorme para nos aplaudir. Precisávamos de um texto que representasse todo o nosso processo criativo. Quem melhor do que uma cabeça brilhante como a de Gey Espinheira, coordenador do Movimento Sociedade & Ambiente, poderia escrever esse texto? Ele entrou na viagem e escreveu a Corrida do Seca Seca. Não foi difícil adapta-lo para a linguagem teatral. O fiz numa sentada, pois o texto permite que a imaginação vá longe.*

*Pura imaginação? Não! Estávamos deslumbrados, pois nossas possibilidades estavam ali, reais, brilhantes!.*

*Foi o maior alvoroço, um corre- corre. Os meninos e as meninas queriam fazer de tudo, hora eram atores, hora dançarinos, músicos, produtores, figurinistas, cenógrafos, assistente de direção, cantores, contra regra, era um Deus nos acuda! E quando tudo estava uma loucura ...: Para, Já chega! Tudo o que é demais passa da conta! Tudo começou a entrar no eixo. O processo de montagem de um espetáculo estava chegando ao fim. Aí os alunos perceberam que haviam aprendido a montar um espetáculo. Mais uma possibilidade se concretizava! Querer, aprender e ousar fazer!*

*Os arte-educadores passaram pelo mesmo processo: conhecendo cada um dos alunos, sua realidade social, seus desejos, sonhos, identificando suas facilidades e possibilidades. Assim não foi difícil identifica-los na seleção dos personagens. Ouvimos muito esta frase: Como você adivinhou que eu queria fazer isso mesmo neste espetáculo? Respondíamos: você mesmo escolheu.*

*Vamos voltar ao ponto de partida. Esse processo foi antecedido de vários encontros ricos em criatividade e dinamizados com muita sensibilização, música, poesia, teatro, dança, cartazes, depoimentos falados e escritos. Foi um processo de formação com conteúdos voltados para o conhecimento do meio ambiente, a partir do território de cada um. Esses conteúdos foram debatidos, apresentados e representados de forma lúdica a cada encontro. Foi desse exercício que a escolha do texto *A Corrida do Seca Seca*, de Gey Espinheira, foi feita pelos alunos dos colégios Marques de Abrantes, Darcy Mamede e Maclina. A equipe de arte educadores, Izabela, Maura, João, Reinaldo, Débora e Honça não mediram esforços para que este espetáculo fosse tão brilhante como realmente foi.*

*\*Arte-educadora e escritora; coordenadora da equipe de arte educação do MSA*

## *Fala 2: Débora Fontes Palmeira*

### ***Espetacular! “A Grande Corrida do Seca Seca”.***

*Ao ser convidada por Petinha para fazer o cenário do espetáculo fiquei com uma grande alegria. Ao ser desafiada a fazer algo sobre uma maravilhosa fabula de Gey Espinheira, que trata da solidariedade, das diferenças, a primeira sensação que agarra meu pensamento é a de movimento; sinto e percebo a alegria do grupo nas atividades nos sábados. Movimento de corpos, mentes de idéias diversas e diferentes – e, por fim pego-me então a pensar como trabalhar com pouco recurso, porém com um rico material a ser reciclado. A sensação de estarmos com material rico em cores e formas, com a certeza da riqueza de fazer criar, nos exige e ao mesmo tempo, nos propicia a possibilidade de explorar as formas, as texturas. A convivência entre eles aprendendo com tudo isto, rever as nossas ações. Visto que uma das características do Projeto Movimento Sociedade e Ambiente é conscientização ecológica, são feitos trabalhos interativos, dinâmicos, alegres, explorando bastante o lúdico, fazendo um retorno à infância, passando pela juventude e amadurecendo seus valores morais e os princípios ideais da conduta humana. Inicialmente fazem leituras de textos de diversos temas, entre eles a conscientização*

*ambiental, direitos humanos, trabalhos sociais, entre outros que são suportes teóricos para a prática de todo encontro.*

*No tema “Reciclar para transformar atitudes” nos pegamos a refletir sobre o que usar? O que fazer? Como fazer? E quando? Com pouco tempo, pouco material, mas com muitas idéias e sonhos a realizar. Tudo começa em uma oficina de mascaras de animais confeccionadas com papelão velho, jornal, cola e marchê.*

*Estivemos juntos em diversas ocasiões durante o processo de criação. Trabalhamos com trinta alunos de Vilas de Abrantes e vinte nove de Portão ficando responsável pelo cenário principal, uma grande promessa das artes plásticas do novo século, Brígido Gomes de Brito que trabalhou com muito empenho e dedicação por três dias no painel central junto aos demais. Após conhecermos a história da Grande Corrida do Seca Seca, passamos a analisar o tipo de cenário adequado à realidade e necessidade do projeto. Que tipos de cenário criariam, com o material que tínhamos acesso? Consegui despertar a curiosidade, interesse e a reflexão dos alunos, assim começamos a desenvolver a habilidade de cada um. Com esse trabalho, tivemos como resultado o espetáculo realizado com asas de sonhos que se achavam adormecidos ou escondidos nas pessoas envolvidas. O que mais me impressionou foi à responsabilidade e compromisso destes jovens em deslocarem-se de Camaçari até esse Espaço Cultural ateliê Débora Fontes, situado em Portão, por varias vezes, com atenção super profissional. Os alunos exploraram técnicas variadas, conheceram diferentes manifestações artísticas, estudaram volume, formas em papel marchê, aquarela, cerâmica, desenhos... Com*

*tinta a base de pigmento natural. Uma turma recriou pinturas rupestres, mexeram com imaginário criando várias máscaras, fantoches e pinturas em pedras em forma de fantasias (pássaro, palhaços, bonecos roupas de bailarinas...) usando criatividade. Outros descobriram a costura e se empenharam em produzi-las. Também debateram, comentaram e cada vez mais demonstraram seu interesse e responsabilidade por este tipo de intercambio ente as cidades vizinhas, fazendo parcerias forte e duradoura. O suporte e acompanhamento pedagógico, com a colaboração total do Projeto MSA da Fundação OndAzul.*

*Reciclar sempre. Saber usar os recursos naturais para não faltar.*

*Minha tarefa é a de dar suporte e acompanhamento pedagógico a todos os grupos em suas respectivas oficinas, incentivando-os, propondo idéias e fazendo com que cada um sinta-se parte integrante de todo o contexto social, cultural e artístico tornando-os capazes de pensar, agir e construir a partir das suas próprias idéias, vivência e capacidades, rompendo obstáculos e se redescobrando como pessoa, como artista e parte integrante do meio. Valorizando o potencial criativo e elevando o desempenho dos alunos objetivando a visão de futuro.*

*Débora Fontes Palmeira*

### **Fala 3. Maura Leite Espinheira Avena**

#### **Uma grande corrida!**

*“Nós somos feitos de tempo: carne e osso; ah! bem isso, corpo! Mas nós somos feitos de alma, espírito, corpo que deseja e que sofre e que goza. A gente se alegra, ri, mas também entristece...” (Trecho do texto “A Grande Corrida do Seca Seca” – Gey Espinheira).*

*A vida muitas vezes passa a ser uma grande corrida.... e vamos nós desembestados, desajeitados e meio cegos nessa corrida para secar algumas coisas que estão molhadas e molhar outras que estão secas (e não raras vezes muito secas) e quase sempre andamos e corremos sozinhos sem enxergar quem está ao nosso redor e que pode nos ajudar a “secar” ou “molhar” as coisas (dependendo da necessidade) de forma mais prazerosa, eficaz e inteligente! Os grupos! Ah! Os grupos podem, fazem, curam, transformam, molham e secam qualquer coisa! Os grupos e o tempo podem tudo! E quando um conta com o outro melhor ainda!*

*Vamos fazer uma reflexão como propuseram Gey Espinheira e Martim Pescador...*

*Não aprendemos a fazer grupalmente e, em alguns casos, não aprendemos nem a conviver ou viver com/em grupos.*

*Muitas vezes estamos na mesma situação, temos os mesmos anseios, as mesmas condições e não conseguimos nos unir para chegar a algum lugar e modificar aquela falta, aquela ausência, aquela necessidade que agora, depois de trabalharmos juntos, em grupo, poderia ser preenchimento,*

*presença, satisfação. É como se isso fosse sabido por todos, mas não fosse sentido e por isso mesmo não pudesse ser colocado efetivamente em prática.*

*Vivemos e trabalhamos em grupo e com frequência nos reunimos em grupo para alcançar algo. Mas essa união quase sempre se traduz em agrupamentos ou séries, pois nela não são compartilhados pensamentos, sentimentos e ações e seguimos re-unidos na desunião, num grupo que não é grupo, mas meramente soma de pessoas, ao invés de multiplicação de idéias, conhecimentos e sonhos.*

*Num mundo de dissociação torna-se difícil associar, unir, e quando nos associamos essa condição em geral permanece e aparece: cabeça/corpo; pensamento/sentimento; necessidade/satisfação; resistência/transformação; indivíduo/grupo. Já dizia alguém que investigou sobre os grupos que a contradição mais difícil de se superar é a contradição indivíduo/grupo já que "tudo junto" se escreve separado e "separado" se escreve tudo junto. E assim não é fácil construir um grupo, partilhar necessidades e objetivos, sujeitos e objetos, idéias e sentimentos, formando um objetivo comum. Para ser grupo é preciso admitir que quando estamos em grupo, estamos aprendendo tudo novamente. Estar, trabalhar e aprender em grupo é antes de tudo construí-lo e, portanto, antes de tudo vivenciá-lo, conhecê-lo e saber-se nele enquanto sujeito que 'opera' com outros e sobre a realidade individual, grupal e social. Diversidade e singularidade, multiplicidade e unicidade com direcionalidade, movimento e ação!*

*Para construir e ser grupo é preciso disposição e entrega; entregar-se a um “nós” que às vezes dá medo e muita impaciência e vontade de estar novamente só, mas que por outro lado, impulsiona, enriquece, possibilita e transforma quando sabemos aproveitá-lo da melhor maneira.*

*Quando vivemos uma experiência grupal, em sua essência, deixamos de ser o que éramos antes e passamos a ser alguém “maior” e quem sabe melhor; o grupo também se transforma porque fazemos parte dele, junto com o outro e o outro e o outro; olhares, gestos, cheiros, risos, palavras, vozes, tudo torna-se grupo!*

*No espetáculo “A GRANDE CORRI DA DO SECA SECA”, um grupo procurou mostrar a arte de ser grupo, de fazer, de transformar pessoas, espaços (ambiente) e realidades. O que ficou mais claro foi a certeza da possibilidade de realizar entre as dificuldades e limites, através da criatividade, solidariedade e movimento. Movimentar-se foi sempre a ordem maior! No momento da cena tudo parecia mágico, plástico, móvel, flexível, de uma leveza! Foi gente bicho e bicho gente antes, durante e depois do espetáculo. O espetáculo estava fora e no palco, o espetáculo da vida, da certeza de que juntos podemos fazer sempre mais!*

*\*Assistente social, educadora e técnica em psicologia social do CIEG – Centro de Estudos de Grupo Pichon-Riviére e arte-educadora do MSA.*

#### Fala 4: **Jorge Luiz Starteri (Honça)\***

##### *Estarrecedor!*

*Reconheço que o espetáculo apresentado pela comunidade de Abrantes, município de Camaçari, no dia 23/08/2003 às 17:00 horas, me surpreendeu com o resultado positivo obtido, que inicialmente, nos ensaios, parecia verde, cru, imaturo e, de repente, explodiu como uma bomba de muitos megatons; nesta explosão bombástica, o espetáculo transformou-se numa coisa lúcida, lúdica e transcendental e, no meu pensar eloqüente, sincero, fiquei deveras estarecido por que o inesperado é inexplicável e também, pode acontecer, fluir mansamente, normalmente em outros lugares.*

*É óbvio que algumas falhas houveram no decorrer da apresentação como: a nossa terra possui várias fendas e falhas físicas/geográficas mas, nem por isso deixa de ser grandiosa e exuberante, portanto, o mesmo aconteceu com a encenação da peça teatral.*

*Os adolescentes deram um banho de interpretação amadora/profissional, impar, improvisando nos momentos oportunos e certos, descontraídos; eles não deixaram a peteca cair em nenhum momento.*

*Impressionante que todos estavam felizes antes, durante e depois do espetáculo.*

*Coreografia dançante e alegre, a música com os instrumentistas e cantores, soberba, iluminação e sonorização a contento e, a platéia, manifestada e inspirada na Grande Corrida do Seca Seca, não arredou pé do teatro improvisado numa grande área da Escola Municipal Darcy Mamede.*

*Aplaudidos de pé, eles foram os vencedores e merecedores. Todos se abraçavam e cantavam o “regue” composto por eles, da sua comunidade com a forma única, singela e triunfal.*

*Fico feliz de ter posto um pouco do meu dedo e suor dentro desta grande organização e, junto com Maura e João Espinheira, vivenciei esta alegria musical e conseguimos deslumbrar e descascar uma pequena semente que já não é somente semente e sim: Terra, árvore, Ramos, folhas, flor e, principalmente raiz.*

*Desejo que seja aproveitada esta nova euforia desta galera e que voltem a se apresentar mais vezes por outras comunidades, praças públicas, teatros, escolas enfim.*

*Faço parte de uma onda que de tantas cores se tornou... ONDAZUL.*

*\* Professor de música da UFBA e arte-educador do MSA.*

### *Fala 5: João Espinheira\**

*A grande corrida do seca seca  
em que todo bicho fica seco  
e de alma lavada*

*O Movimento Sociedade & Ambiente deu início ao espetáculo muito antes dele ser escrito, não há, pois, como falar desta experiência sem antes confrontá-la com o todo deste projeto. Foi com certeza, a Grande Corrida, um excelente medidor de desempenho de toda a equipe de arte-educação que, se ocupou com todas as forças e criatividade nesta peça que foi um fechamento com chave de ouro de uma experiência piloto: Vila de Abrantes.*

*Ao iniciarmos, tudo era muito confuso, principalmente para jovens que subiam pela primeira vez ao palco para apresentarem uma peça que envolvia a atuação direta, os atores,*

*o apoio de um grupo coreográfico e um coral, ambos formados por estudantes apreensivos e desejosos de aprendizado e novas experiências.*

*O percurso percorrido pela equipe de arte-educação e alunos envolvidos foi rápido e confuso. O reduzido tempo que tínhamos para montar a apresentação nos deixava ansiosos e apressados no intuito de garantir que tudo desse certo e que, como aconteceu o projeto cumpriria sua missão de mostrar aqueles jovens que através da arte e da arte-*

*educação é possível passar com eficácia as nossas conclusões a respeito dos muitos temas debatidos ao longo de nosso percurso.*

*Como trabalhar com jovens sem alguma experiência de palco e cumprir o esquema proposto por Petinha e discutido pelos alunos? Para isso contamos com a experiência de anos de teatro e arte-educação de Petinha Barreto. Que conseguiu segurar todos os pequenos problemas que tivemos e foi de extrema importância neste espetáculo, desde a adaptação, que fez com muita delicadeza, até o dia do espetáculo, com sua determinação e trabalho intenso.*

*Creio que depois de cumprida a missão chamada Corrida do Seca Seca estamos todos lavados e secos, arte-educadores e alunos de Abrantes, que superaram a dificuldade de conciliar música, dança, encenação e educação num só palco, numa só peça.*

*Aos músicos que juntamente comigo e equipe fizeram a peça tomar ritmo e melodia, fica uma homenagem grata pelas dificuldades superadas e pela certeza de que fizemos bem o nosso papel, fechando com a coreografia e os atores para o sucesso deste maravilhoso texto de Gey, através do qual aprendemos que é possível construir um mundo novo, seco, porém de alma lavada.*

*Com a intensa gratificação de ter participado junto aos alunos com quem tanto aprendo, quero agradecer a equipe que muito lutou para que tudo chegasse de volta ao ponto de partida, lembrando que embora fosse o mesmo lugar já não tinha a mesma representação, pois já era ponto de chegada. “Um mesmo homem nunca entra num mesmo rio duas vezes”, e com a consciência de que nem nós nem o rio somos os mesmos saímos*

*secos e alegres para sempre correr e se secar e, sem nunca chegar ao mesmo lugar, voltarmos sempre ao ponto de partida.*

\*Estudante e estagiário de arte educação do MSA.

Fala 6: *Izabela Kotler\**

“O espetáculo aconteceu... e foi um sucesso!

*No dia 23 de agosto de 2003 o movimento em Vila de Abrantes, com os jovens e arte educadores, foi tão grande que quando percebemos já estávamos em uma grande corrida: A GRANDE CORRIDA DO SECA SECA. Um texto de Gey Espinheira com adaptação para teatro por Petinha Barreto, com 150 jovens em cena. Na verdade, começou bem antes, quando tivemos a idéia de trabalhar o mesmo tema para todos os quinze subgrupos de dez jovens.*

*Podemos dizer que foi o nosso primeiro laboratório com o texto da Grande Corrida do Seca Seca, da revista nº2. Foi incrível o que cada subgrupo criou, desde os movimentos teatrais e corporais à música e cenário que surgiram. Daí à idéia de montar um espetáculo com o texto de Gey Espinheira foi num estalar de dedos.*

*Petinha, com seu super entusiasmo, não perdeu tempo e adaptou o texto para o teatro e no dia seguinte já estava com a idéia pronta: montar um musical (do jeito que ela gosta). Todo mundo achou uma loucura colocar 150 jovens em cena. Era preciso organizar bem esse processo para não "dar rolo", então abrimos ficha de inscrição para os grupos de dança (I zabela); música (João e Jorge Honça); coral (Maura) teatro e bonecos (Petinha); figurino, cenário e produção (Débora).*

*Os jovens se inscreveram de acordo com suas afinidades, sem limites de vagas. No final já tínhamos 35 dançarinos, 30 atores, 30 músicos (coral e banda) e o restante na produção, cenário e figurino.*

*Com apenas 01 encontro por semana iniciamos nossos ensaios no final de junho. Cada arte-educador trabalhou com o seu grupo em espaços diferentes. Os dançarinos desenvolveram uma coreografia com a música*

*de abertura, O Mergulhão de Antonio da Nóbrega e as demais coreografias dependiam dos atores, músicos e o coral para fechar o trabalho de dança.*

*Logo a equipe percebeu que todo processo criativo é meio louco mesmo. Como eu já conheço muito bem o jeito de Petinha trabalhar com muito gente, nada daquilo me assustou. Aprendi com ela que precisamos trabalhar com os subgrupos individualmente para depois integrá-los. É como ela sempre diz: é o individual grupal. E é desse jeito que sempre dá certo.*

*Faltando apenas dois encontros para a estréia do espetáculo, ela resolveu que faríamos um ensaio geral, mesmo sem cenário e sem figurino, para que um soubesse o que o outro estava fazendo e, daí, juntar as linguagens artísticas. Aí é que foi uma loucura total, pois todos queriam fazer "Tudo", todos se apaixonaram pelo que o outro estava fazendo. Imagine, Petinha permitiu que houvesse trocas de papéis! E não é que deu certo?*

*O segundo ensaio geral já foi com roupas, maquiagem e cenário. Todos estavam seguros, representando como se estivessem diante de uma grande plateia. Foi ótimo o ensaio geral, pois pudemos ter uma visão geral e organizar o espetáculo.*

*No início foi muito cansativo para todos, pois dependíamos que os atores estivessem com o texto pronto, mas isso "faz parte do show". Funciona assim, se os atores não falam a "deixa" o coral não canta, se músico não "toca" o dançarino não dança. Mas quando eles (os atores) perceberam o grau de responsabilidade de cada um com o outro e com o*

*conjunto do espetáculo, o **movimento** fluiu e o **ambiente** ficou em paz e aí, o espetáculo aconteceu e foi um sucesso!*

*\*Professora de arte-educação e arte-educadora do MSA.*

# Oficinas, oficinas & oficinas!

Débora Fontes dá as dicas para a preparação de oficinas que fizeram o cenário, as máscaras e as roupas dos personagens de A Grande Corrida do Seca Seca. Seguindo seus ensinamentos, a exemplo do que fez Petinha Barreto, você também pode montar a sua peça de teatro ou outro espetáculo. Vamos, então, ao que nos interessa:

## 1. Bonecos Poupard

Os primeiros bonecos de poupard, bonecos franceses sem pernas, apresentavam a cabeça de madeira fixada a um pedaço de madeira embrulhado em fraudas. No século XIX ganhou cabeça de cara, trajes luxuosos, dispositivos de ruídos como apito, caixa de musica e outros acessórios. Neste texto apresento-lhe uma versão simplificada com criatividade e bem personalizada pelas crianças que trabalhamos em Movimento Sociedade & Ambiente nas comunidades de Mangue Seco,

Coqueiro, Abrantes, Portão e outros varias *cidadezinhas* da Linha Verde, Bahia, cheia de criatividades, de histórias contadas pelos mais velhos e recontada pelas crianças no teatro de bonecos nas oficinas de artes.

## **2. Bonecos sem pernas**

Técnicas de montagem e materiais:

Material: jornal enrolado com 4 cm de diâmetro; bastão com 25,5 cm de comprimento, palito de churrasco. Papel crepom de varias cores, tinta guache, barbante, cola, adesivo, para as mãos papelão ou caixa de sapato velha com 34 cm de comprimento; caneta hidrográfica colorida ou tinta esmalte. No nosso caso usamos tinta guache.

### **Montagem dos bonecos**

1. Faça uma bola pequena e embrulhe com barbante passando cola.
2. introduza o bastão no furo e cole-o no lugar. (Ver foto);
3. com a tinta guache ou esmalte, pinte as feições dos bonecos do jeito que desejar;
4. passe cola na parte posterior da cabeça, enrole pedaços de papel ou barbante; dê dois fios ao redor da cabeça. Se quiser trance alguns fios a mais e enrole-os, formando um coque.
5. Faça um pequeno corte no meio de papel crepom, em tamanho que permita a passagem do bastão.

O Papel Colado, fantoche em forma de animais, máscaras de papel, roupas de saco de lixo, cenária de papel, roupas de retalho de pano.

Criar peças com papel cola fitas, retalhos, sacos, papelão, jornais, revistas será sempre um trabalho bastante simples e prazeroso. Na verdade um ideal de criação de objetos e formas.

O método consiste na sobreposição de varias camadas de papel picado sobre caixas, moldes do próprio rosto. A consistência do papel colado determina sua aplicação, duas, três ou quatro camadas. Seguindo duas regras fundamentais obterá um ótimo resultado; rasgar o papel com as mãos conforme o sentido da fibra; por o papel de molho na água para deixá-lo mais permeável à cola.

### **Que papel usamos?**

Todo tipo, e foi adequado ao trabalho na montagem do espetáculo o importante foi como já dissemos, que seja rasgado com as mãos no sentido da fibra. Para descobri-lo experiente sempre rasgar o papel na horizontal e na vertical ele se rasga com mais facilidade.

Jornal: mais apropriado para trabalho em papel colado, pois absorve bem a cola, além de adaptar-se com extrema facilidade e não cria saliências.

**Papelão de embalagem:** utilizamos para confeccionar as estruturas dos bonecos bichos, bicho gente, fantoches, araras, tucanos, periquitos e outros.

Cobrindo as estruturas com jornais em seguida outra camada de jornal economizando e absorveu muito bem.

**Papel reciclado:** em geral foi bastante áspero e contém muitas fibras naturais misturadas e essa pasta foi feita pelos próprios alunos do MSA livres de aparas com fácil aplicação.

## **Técnicas e montagem**

A Cola que usamos?

A cola indicada, cola branca de PVA, a empregamos diluída em água. Fácil de ser encontrada e de manusear, não tóxica, seca em pouco tempo e cria uma película protetora e impermeável que pode ser pintada por tinta acrílica.

Tem também a cola de tapeceiro, um produto profissional, difícil de encontrar, não vem pronto, deve ser dissolvida em água, e a dosagem exata não existe. Fica a critério do profissional, como estávamos trabalhando com adolescentes e não importava o mais difícil, opilamos em saber como trabalhar profissionalmente com a cola branca comum e deu super certo.

### **3. Máscaras de animais:**

Material para máscaras de animais:

- Caixa de papelão vários tamanho;
- Vaselina ou similar;
- Papel jornal, revista, embrulho, reciclado;
- Cola branca;
- Pincel chato 20;

- Tesoura ou estilete;
- Guache branco ou gesso acrílico pronto;
- Verniz forte;
- Betume;
- Tinta acrílica coralatex;
- Bisnagas. Varias cores;
- Bola de soprar;
- Formatos de vários bichos confeccionados pelo aluno.

Como colar papel em camadas:

Rasgue o papel em pedaços pequenos, como ver na foto. Cortando-os em tiras ou quadrado pequeno, os papeis pequenos aderem com mais facilidade.

Mergulhe os retalhos numa tigela de água morna para ficar mais em seguida cole na superfície que desejar formando os bonecos, as mascas ou bichos.

Passe a cola sobre o molde que você criou e repita por três vezes. Deixe secar por 12 a 24 horas conforme o grau de umidade do local. A Bahia sendo um lugar quente fica menos tempo a secagem repita mais uma vez a operação de colagem e espere secar.

Se for mascara retire a forma de plástico ou de gesso, apare as bordas com a tesoura aqui e ali as imperfeições com mais alguns pedaços de papel.

Aplique uma demão de guache branca ou gesso acrílica, sobre o papel colado para deixar a superfície uniforme. Passe então para a decoração.

#### **4. A Decoração:**

As peças de papel foram decoradas e pintadas com produtos diversos de acordo a criatividade de cada aluno. Na bola de sobrar cheia forra toda a bola, deixa secar e corta ao meio depois com pintura forma o bicho desejado. Demos vários efeitos escolhemos Guache: tinta a base de água com acabamento ligeiramente opaco. Usamos tinta acrílica por ser cores muito viva e transparente, com aparência de aquarela, quando diluída em água. Assumindo uma coloração intensa depois de seca atenção essas tintas são impermeáveis e não precisa de verniz protetor.

#### **O Acabamento:**

Para da um efeito antigo nossa decoração deu uma camada de betume escura. Depois impermeabilizamos a peça para torna-la mais durável. Em se tratar que esse espetáculo ira ter varias apresentações.

#### **5. Máscaras para A Grande Corrida do Seca Seca:**

Para confeccionar uma mascara clássica de teatro com um inusitado efeito apenas utilizamos muita criatividade e materiais de reciclagem.

Tempo de execução aproximadamente com colagem e montagem três dias.

Material:

- Mascara de plástico ou gesso;
- Vaselina ou refil plástico;
- Cola branca;
- Pincel 20 para espalhar cola e o guache.
- Bola de soprar;
- Guache branco;
- Tinta acrílica ;
- Enfeites velhos de natal, bicos e outros.
- Barbante ou elástico fino.

Modo de fazer:

1. Espalhe a vaselina com a mão sobre a mascara de plástico. Este procedimento torna-se mais fácil a remoção da mascara do molde.

Preparamos o material como ex: jornais picado e cola.

2. Escolhe os retalhos de jornal sobre o molde plástico ou de gesso usamos os dois moldes. Cada turma ficou com um material. Aplicamos cola com o pincel ligeiramente fazendo continuamente por três camadas. Deixando secar 12 horas. Depois pintando cada mascara de acordo os desejos da turma e as necessidades dos personagens.

3. Retira a mascara de papel colado do molde. Tomando cuidado para não danificar. Pinta com guache e espera secar. Em algumas mascaras

usamos acrílica branca e gesso ficou excelente na superfície ficou uniforme.

4. Assenta os enfeites e fitas finas de natal dando um efeito mágico;
5. Termina a máscara pintando a parte interior se desejar com um pincel de n.º 10 e a tinta acrílica. Para usá-la fizemos dois furos na altura das orelhas e passa-se uma fita em cada furo para prender e não cair na hora da apresentação.

Técnicas e Montagem:

## **6. O Rosto do SOL:**

Esta máscara do sol foi confeccionada com espuma. Qualquer brincadeira especial de imitação da vida. A qual a criança e o jovem assume os mais variados comportamentos. Brincadeiras adequadas facilitam a compreensão da realidade e aumenta uma integração do mundo em que vivemos. E este espetáculo trouxe essa alegria de querer mudar com gestos, arte e criatividade o mundo. O nosso mundo. Assim mais que simples oficinas de passar tempo em máscaras e marchê papel reciclado, são para esses cidadãos uma necessidade que deve ser sempre estimulada pelos adultos.

Material:

- Espuma fina;
- Fitas brilhantes douradas;
- Cola quente;
- Gliter;
- Papel kami;

- Tesoura;
- Tinta acrílica.

### **Técnicas e Montagem:**

Execução: Inicialmente coloque a espuma uma sobre a outra e recorte, depois cole com cola quente e pinte com tinta acrílica, em seguida coloca as fitas douradas e prepara a roupa de papel kami. Simples cola apoiando naturalmente sobre seus ombros. A partir daí, escola sugestões e decore o papel. No mesmo sentido trabalhamos as demais fantasias dos bichos e as palas de retalho de tecido. Para suporte como pele dos animais

## **7. FANTOCHES**

### Técnicas e Montagem

Os bonecos fantoches sempre exerceram uma fascinação mágica sobre as crianças o trabalho realizado foi tamanha alegria identificando com os bonecos as transformações de personagem local. Os bonecos fazem com que elas se transportem para o mundo da fantasia, desenvolvendo a linguagem e a imaginação buscando o lúdico escondido nas crianças televisáveis de hoje.

Aqui estão máscaras, bonecos, roupas e outros matérias que enriqueceram o espetáculo super coloridos que pareceram ter acabado de sair do mundo das fantasias. Fantasia de Gey Espinheira e Petinha

Barreto. Fáceis de e divertir, alegam esse sonho fantástico nesta fabula realista e trazida para refletirmos o nosso futuro.

Deixo claro que os verdadeiros artistas foram eles Os Protagonista de nossas vidas "O ALUNO". Esses jovens de valor.

## **8. Como fazer papel reciclado**

Material:

- Jornal;
- Bacia;
- Água;
- Liquidificador;
- Duas molduras, um com e outra sem tela de náilon.

1. Materiais

2. Picar o papel,

3. Colocar de molho na bacia;

4. Bater no liquidificador;

5. Colocar a mistura triturada na bacia,

6. Mexer levemente a mistura,

7. Mergulhar juntas as molduras

8. Retirar a moldura sem tela,

9. Colocar uma folha de Jornal sobre mistura na tela, apertar levemente.

10. Virar a tela e depois em uma mesa.

11. retirar a tela, e deixar o papel reciclado

12.Secar sobre o jornal.

### **Conclusão:**

Falar de arte educação e meio ambiente é tão importante quanto de sua evolução. Arte de Reciclar e "Arte Educação" foram e sempre serão momentos inesquecíveis para os atores. Esses jovens que percebem que na vida a arte está presente em quase todas as ocupações e fruto do trabalho humano já foram chamados de arte. A arte de fazer um espetáculo " A Grande Corrida do Seca Seca", em sua maioria de sucata, mostra a comunidade que o lixo pode ser transformado em " ARTE", pois, arte é a capacidade que tem o ser pensante de por em pratica uma idéia, valendo-se da faculdade de domínio a matéria. É com arte no trabalho que praticamos infinitas formas de desenvolvimento. Acreditando que qualquer pessoa que tome consciência das artes e suas abrangências, terá o prazer de conviver e sentir sua importância; e' impossível viver sem os mesmos. Nossos Resultados: A alegria e entusiasmo dos envolvidos. Na construção de novos materiais a partir do lixo limpo e resultado. Também na escola, no bairro, na rua. O rosto das pessoas que passam e a felicidade em contemplar a beleza da criatividade, despertando a consciência critica e artística do cidadão.

\*Débora Fontes Palmeira: Arte educadora, psicopedagoga; escritora; artista plástica, gestora escolar, ambientalista; Pós-graduada em Antropologia Cultural e Educação.

